

CHRISTINE SUKIC (dir.) – *Corps heroïque, corps de chair dans les récits de vie de la première modernité*. Imaginaires n° 16, ÉPURE, 2013, ISBN 978-2-915271-63-8, 244 pp.

A obra que recenseamos é um contributo importante na área da(s) representação(ões) do corpo nos séculos XVI e XVII. Tendo por corpus biografias de diversa tipologia, em âmbito francês e inglês, esta obra coletiva reúne trabalhos de especialistas da História e da Literatura da primeira época moderna, apresentados ao Colóquio do mesmo nome, realizado na Universidade de Reims Champagne-Ardenne em 2012, da responsabilidade do CIRLEP (Centre Interdisciplinaire de Recherches sur les Langues et la Pensée) e com apoio do PRISMES da Universidade Paris 3 Sorbonne-Nouvelle.

Como se sabe, a temática do heroísmo tem conhecido certa fortuna, seja em âmbito pagão ou cristão. A diretora deste volume tem-se dedicado tanto à questão do heroísmo, como às relações corpo/heroísmo e ao corpo ornamentado. Publicou *Le Héros inachevé: éthique et esthétique dans les tragédies de George Chapman (1559?-1634)*, Berne: Éditions Peter Lang, 2005 e dirige o projeto “Représentations du corps heroïque”, levado a cabo no CIRLEP.

A obra em apreço é particularmente interessante por lançar um novo olhar sobre a questão do heroísmo e relacioná-la com a emergência do “eu” moderno. Explora um “processus de reconfiguration” do corpo heroico que seria um “symptôme de la mutation épistémologique” (p. 9) que se traduz na construção do sujeito moderno ou da sua subjetividade. Este processo de reconfiguração vem enunciado impressivamente no título da obra, consistindo na passagem de uma representação do corpo como corpo heroico a uma representação como corpo de carne. Para tal mudança epistemológica terão concorrido a revolução vesaliana (ainda que o sistema galénico dos humores continue dominante), o desenvolvimento das anatomias e da dissecação, a importância dada aos sentidos pelo acesso direto aos cadáveres, o gosto crescente pelo retrato e por vidas com retrato e as numerosas teorias das paixões. Segundo Sukic, esta “évolution dans le récit de vie entre le XVIe et le XVIIe siècle” consiste num novo valor de prova que é dado ao corpo, fenómeno que, aliás, não é alheio à progressiva exigência de historicidade e verdade destes relatos, concebidos como parte integrante do género histórico. Falamos assim de uma “vérité physique, matérielle, révélant cette fois un être de chair”, “d’un besoin pour le concret, le matériel”, “une vérité nue” (pp. 16-17) que se traduz em imagens do corpo heroico distintas das tradicionais. Por sua vez, esta irrupção do corpo probatório nos “récits de vie”, expressão preferida por Sukic face a “biografia”, seria igualmente reveladora da importância crescente dada à intimidade.

Todos os estudos que integram o volume põem a nu uma tensão oximórica entre, por um lado, o corpo ideal(izado) e, por outro, o corpo de carne, num novo equilíbrio

entre exemplaridade e individualidade. A obra está dividida em quatro partes, que correspondem a “autant de moments dans l’histoire de la représentation du corps dans le récit de vie” (p. 20), precedidas de um “Avant-propos” de Christine Sukic, e fechada pelo posfácio de Gisèle Venet. Segue-se por fim uma apresentação de cada uma das autoras participantes.

A primeira parte, “Le corps et l’expérience du sacré”, debruça-se sobre a experiência do sagrado em diferentes contextos que explorarão distintas formas de tratamento do corpo. O trabalho de Isabelle Fernandes, «‘Dissoudre ce tabernacle de terre’. Corps de mort, corps de vie dans le martyrologe de John Foxe», patenteia uma dicotomia no mártir protestante, dotado de alma heroica, mas de corpo falível. O seu corpo torna-se, aquando do martírio, prova de fé, com grande insistência do relato na representação iconográfica do corpo. Aquele é simultaneamente “une purification pour les catholiques” e “une vie supérieure pour les réformés” (pp. 45-46), desenvolvendo um sugestivo símile sangue-tinta e carne-texto.

Com Anne Dunan-Page e «Les entraves de la chair? Le corps, les émotions et la voix dans les récits de l’expérience spirituelle» mergulhamos no relato de vida de um protestante evangélico, em que a presença do corpo se manifesta através das emoções e a nível somático. Desta forma, “le corps, la gestuelle, la voix et les émotions” são colocados “au coeur du processus de validation de la grâce”. É uma nova atenção dada ao corpo que faz da “lecture des signes corporels l’un des moyens de détection des saints calvinistes” (p. 52). O corpo faz prova da experiência de conversão do puritano, mas a carne pode constituir um obstáculo nesse processo.

Marion de Lencquesaing, em «Les premières Vies de la mère Jeanne de Chantal: un processus d’héroïsation par un corps en négatif ?», torna patente que o seu corpo em sofrimento tem caráter de prova, mas é objeto de uma recusa indispensável à elaboração da santidade. Numa problematização muito bem fundamentada, a autora considera que nessas Vidas não comparece o corpo de carne, mas já o corpo glorioso. O primeiro acontece num único episódio: o gravar no peito o nome de Jesus. Aqui, porém, transcende-se já o corpo individual para a Corpo da Igreja, numa argumentação que a equipara a uma mártir. Afinal de contas, “il s’agit de rendre l’Église victorieuse en soi-même; le combat (...) ne se joue plus sur le corps mais dans le coeur” (p. 89), o que leva a autora a afirmar o nascimento de um “critère tout spirituel du sentiment, une nouvelle façon de prouver la sainteté” (p. 91).

A segunda parte, “Le corps mis en scène”, interroga-se sobre o corpo como encenação, na tensão tecida entre corpo biológico e corpo simbólico, num contexto político determinado ou no contexto de vida de um escritor. Marian Rothstein, em «Catherine de Médicis: la reine-veuve et le coeur du roi», aborda a construção imaginária do corpo da rainha cuja biografia parece querer omitir o caráter problemático do seu corpo enquanto majestade: corpo biológico feminino e corpo político masculino, pela

simbiose com Henrique II que “est vif au-delà de la mort” (p. 100). A dimensão de prova está presente mas paradoxalmente.

Véronique Garrigues, em «Ce grand héros étant ainsi rétréci. D’un corps en majesté à la dépouille démembrée de Don Juan d’Autriche (1547-1578)», trata Dom João de Áustria, filho bastardo de Carlos V. Vencedor heroico da batalha de Lepanto, é também um príncipe real sem título nem Estado (p. 114). Heroico bastardo, prolongamento do corpo real sem todavia lhe pertencer (pp. 132-133), também aqui o paradoxo é evidente.

Line Cottagnies, em «La mise en scène du corps du sujet biographique dans la *Life of Donne* de Izaak Walton: portrait du prédicateur en vanité», estuda a representação do corpo do pastor anglicano, numa reescrita e amplificação progressivas ao longo das edições (p. 138). Um episódio em que Donne é retratado enquanto cadáver transforma o seu corpo em emblema de vaidade, erigindo-se a si mesmo como obra de arte (p. 150).

A terceira parte, “Du corps au corpus”, que explora o paralelo entre corpo e texto, começa com um estudo de Irène Salas, «Les Essais de Montaigne: journal d’un corps», sobre a questão do corpo do escritor. É o sofrimento físico que funciona como ponto de referência do autor, cuja escrita “reproduit un corps en perpétuel mouvement” (p. 21). É na descrição da sua singularidade que Montaigne se constituirá em “sujet universalisable” (p. 170). “L’épreuve du corps aura conduit à la preuve suprême d’une existence, dont le livre est la seule trace possible” (p. 173).

Violaine Lambert, em «In the pulpit of his bed’: représentations exemplaires du corps défunt dans les *Vies* de John Donne (1640/1658/1670) et de Thomas Fuller (1661)», realça a dimensão exemplar dos discursos, potenciada ao máximo aquando da morte, ainda que o desejo de historicidade não lhe esteja totalmente arredado. O corpo que cria a obra ou criado como uma obra torna-se “un outil au service d’un discours qui encense l’auteur, catégorie nouvelle dans les récits de vie anglais” (p. 189).

A última parte, “Corps de chair et conscience de soi”, põe em destaque o corpo de carne em dois relatos na primeira pessoa. Cécile Toublet, em «Les Aventures corporelles de Dassoucy (1605-1677): représentation antihéroïque de soi et naissance de l’individu», explora a representação anti-heróica do corpo do autor como estratégia derrisória libertina. “L’affirmation de soi passe en effet par la peinture de ses sensations, forme de conscience corporelle qui constitue un élément novateur et essentiel à la représentation de l’homme moderne” (p. 212).

Laetitia Coussement-Boillot, com «Moll Cutpurse: corps héroïque, corps de chair ?», problematiza a tensão entre o corpo masculino desejado e o corpo feminino travestido, chegando à conclusão de que “le corps héroïque ne peut être que masculin tandis que le corps féminin est réduit à n’être qu’un corps de chair grotesque”, de tal forma que a expressão “corpo heroico feminino” seria uma contradição nos termos (p. 232-233).

Por fim, Gisèle Venet procura fazer uma síntese dos vários contributos, realçando a reflexão em oxímoro presente nos trabalhos (corpo heroico/ corpo de carne; corpo

venerado/ corpo mártir; corpo vivo/ corpo defunto), polarizados numa “chair surreprésentée” ou numa “présence désincarnée” (p. 236), reflexo de representações do corpo sempre problemáticas no género biográfico em tempos de crise da representação (pp. 234-235).

São de enaltecer a diversidade de enfoques, que permitem lançar hipóteses de abordagem ou uma chave de análise quanto à evolução dos “récits de vie” entre os séculos XVI e XVII, em diferentes tipologias. Esta diversidade não provoca uma sensação de fragmentação. A problematização é fina e plasma sintaticamente a própria ambivalência das figuras enunciadas, também elas ambivalentes: corpo idealizado e/ou corpo real(ista).

Lamenta-se, porém, a não-inclusão de uma bibliografia geral e de um enquadramento sobre o que ultimamente se tem avançado na área das representações do corpo. A título de exemplo, as relações corpo/texto não são novas, como o não é a consideração de que as representações e as práticas do corpo espelham uma certa cosmovisão e as suas crises. Não que tal invalide essa divisão presente na obra, mas cremos que teria a ganhar com considerações sobre o estado da arte.

Parece não haver dúvidas quanto à “aparição” deste corpo de carne com carácter de prova e de que tal faça “preuve d’une conscience de soi moderne” (p. 20), mas experimentamos algumas dúvidas no pôr em causa a noção de corpo heroico. Falaremos certamente de um outro heroísmo, de uma reescrita do herói e do seu corpo, mas cremos que é, todavia, herói e que esta representação continua a comparecer, muitas vezes vertendo-se em corpo glorioso. Tal é particularmente visível nos relatos de santidade, como tão bem demonstrou Marion de Lencquesaing, até pelo primado das “virtudes heroicas”¹ como nova diretiva para a causa dos santos.

Gostaríamos por fim de propor que uma “ponte” para o contributo da fenomenologia pudesse ser particularmente pertinente. São várias as referências que nos remetem inequivocamente para os estudos fenomenológicos, de produtividade incontestável nesta obra, sem que, porém, os seus autores tenham sido citados: a expressão “corpo de carne” (*Leibkörper*) de Husserl, usada por Christine Sukic; “corps propre” (entre outras; p. 166), por Irène Salas; “chiasme” de Merleau-Ponty em *Le visible et l’invisible*, por Gisèle Venet. Uma razão suplementar para a inclusão de um panorama sobre a história do corpo e das suas representações.

Maria Helena Queirós

(CITCEM-FLUP e CREPAL-Université Paris 3)

¹A partir de 1602, sob Clemente VIII. Veja-se Romeo DE MAIO, «L’ideale eroico nei processi di canonizzazione della controriforma», in *Riforme e miti nella chiesa del Cinquecento*, Napoli, Guida Editori, 1992, pp. 253-27